



ALVES, Victor Hugo Sampaio. *Peko*. Epopeia oral. In: **Revista Épicas**. Ano 4, Número Especial 3, Nov 2020, p. 328-335. ISSN 2527-080X. DOI: <https://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2020vE3>.

## **PEKO EPOPEIA ORAL**

Victor Hugo Sampaio Alves<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba

### **1.**

*Peko* é o poema épico da etnia Setu, povo de origem fino-úgrica que habita a fronteira entre a Estônia e a Rússia. Apesar de serem considerados oficialmente como estonianos, estes habitantes da região de Setumaa se consideram uma nação e um povo separados destes – e, inclusive, possuem seu próprio dialeto e suas singularidades na religião e tradições. Ao contrário dos estonianos, cujas canções épicas eram marcadamente masculinas e de predominância de narrativas heroicas, entre os Setu as *runo songs* eram cantadas por mulheres em estilo lírico. Assim, suas temáticas eram socialmente moduladas para prezarem muito mais por conteúdos subjetivos, emocionais e estéticos. Os temas que viriam a ser utilizados na escrita do épico foram retirados precisamente desse contexto feminino e lírico.

As primeiras investidas impulsionando o surgimento de *Peko* foram feitas pelo entusiasta de folclore estoniano Paulopriit Voolaine, que “criou” os personagens e o

---

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE), da Sociedade Finlandesa de Literatura (*Suomalaisen Kirjallisuuden Seura/SKS*) e do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP).

texto mental que viria a nortear a narrativa. Na verdade, o nome do épico é o do próprio herói protagonista, retirado da religião vernacular dos Setu: *Peko* era originalmente um deus da fertilidade e das plantações (Elias Lönnrot fez o mesmo em sua *Kalevala* finlandesa, em que o herói *Lemminkäinen*, também retirado das tradições vernaculares, remetia a antigos cultos de fertilidade e tradições de casamento). Voolaine se inspirou nessa divindade, embora moldando-a para que se encaixasse dentro dos valores masculinos tipicamente épicos, transformando-o numa figura heroica, corajosa e militarizada. De maneira paradoxal, essa estória protagonizando *Peko* para vir a constituir um grande épico era completamente estranha à tradição feminina das *runo songs* Setu, que não apresentava esse apreço por valores e narrativas heroicas; mas, ainda assim, esse épico viria a se concretizar graças a uma mulher, a cantora Anne Vabarna.

Anne já era uma conhecida de folcloristas famosos que, na época, viajavam recorrentemente a Setumaa para coletar as letras e métricas das *runo songs*, como o famoso Armas Otto Väisänen. Sendo uma portadora tão reconhecida das tradições e cantos autênticos de seu povo, Anne Vabarna aceitou sem grandes problemas contribuir com seus textos mentais e conteúdos típicos da tradição feminina dos Setu, aos quais Paulopriit Voolaine acrescentou os toques heroicos “intencionalmente épicos”. O épico é tido, portanto, como criação de Anne Vabarna, portadora e representante dessa tradição Setu fortemente feminina. Ainda assim, o deus *Peko* das plantações e da fertilidade viria a se transformar, na epopeia, em um protagonista que encarna o próprio herói de seu povo.

A narrativa começa com *Peko* dentro de uma caverna, onde estava em sono eterno. Alguém chama por seu nome, invocando-o para que ajudasse a trazer chuva para as plantações, e então *Peko* auxilia dizendo que, se o povo Setu sempre se lembrasse de seus conselhos e trabalhasse arduamente, ele sempre os enviaria abundância em plantio. Pouco a pouco, contudo, ele vai se mostrando como um verdadeiro herói que luta para libertar seu povo do controle estoniano e russo, além de caçar ursos para oferecer as peles aos Setus; ele também abençoa casamentos, lavra os campos e protege todos de inimigos e espíritos potencialmente malignos.

A epopeia foi publicada pela primeira vez no jornal *Eesti kirjandus* (Literatura Estoniana) no ano de 1928, com o título *Setu lauluema Vabarna Anne 'Peko (Pekolanõ)*,

ou seja, “O Peko, da cantora Setu Anne Vabarna”. Após a Segunda Guerra Mundial, caindo sobre controle da União Soviética e sendo alvo tanto de uma política anti-minorias étnicas e de propaganda ateísta, a voz desse épico foi calada por muito tempo, caindo em obscurantismo. Ele voltaria a ser publicado apenas em 1995, em Kuopio, na Finlândia.

Até o momento, não existem traduções de *Peko* para idiomas mais acessíveis como o inglês, o francês ou o espanhol, circulando principalmente em traduções do dialeto Setu para outros idiomas fínicos, como o finlandês e o estoniano.

## 2.

*Peko* es el poema épico de la etnia Setu, gente de origen finno-ugiano que habita la frontera entre Estonia y Rusia. A pesar de ser considerados oficialmente estonios, estos habitantes de la región de Setumaa se consideran una nación y un pueblo separados de ellos, – e incluso tienen su propio dialecto y sus singularidades en religión y tradiciones. A diferencia de los estonios, cuyas canciones épicas eran marcadamente masculinas y narraciones predominantemente heroicas, entre los setu las *runo songs* eran cantadas por mujeres en un estilo lírico. Así, sus temáticas fueron moduladas socialmente para valorar contenidos mucho más subjetivos, emocionales y estéticos. Los temas que se utilizarían en la escritura de la epopeya fueron tomados precisamente de ese contexto femenino y lírico.

Los primeros avances que impulsaron la aparición de *Peko* fueron realizados por el entusiasta del folclore estonio Paulopriit Voolaine, quien “creó” los personajes y el texto mental que guiaría la narrativa. De hecho, el nombre de la epopeya es el del héroe protagonista mismo, tomado de la religión vernácula de los Setu: Peko fue originalmente un dios de la fertilidad y las plantaciones (Elias Lönnrot hizo lo mismo en su *Kalevala* finlandés, en el que el héroe *Lemminkäinen*, también extraído de las tradiciones vernáculas, se refirió a los antiguos cultos a la fertilidad y las tradiciones nupciales). Voolaine se inspiró en esta divinidad, mientras la moldeaba para encajar dentro de los valores masculinos típicamente épicos, transformándolo en una figura heroica, valiente y militarizada. Paradójicamente, esta historia protagonizada por Peko para convertirse en una gran epopeya era completamente ajena a la tradición femenina de las *runo songs*

Setu, que no mostraban este aprecio por los valores y narrativas heroicas; pero, aun así, esta epopeya se materializaría gracias a una mujer, la cantante Anne Vabarna.

Anne ya era conocida por famosos folcloristas que, en ese momento, viajaban repetidamente a Setumaa para recopilar las letras y métricas de *runo songs*, como las famosas Armas Otto Väisänen. Siendo tan reconocida portadora de las auténticas tradiciones y canciones de su pueblo, Anne Vabarna aceptó sin mayores problemas contribuir con sus textos mentales y contenidos típicos de la tradición femenina de los Setu, a los que Paulopriit Voolaine agregó los toques heroicos “intencionalmente épicos”. La epopeya es, por tanto, vista como la creación de Anne Vabarna, portadora y representante de esta tradición setu fuertemente femenina. Aun así, el dios Peko de las plantaciones y la fertilidad acabaría convirtiéndose, en la epopeya, en un protagonista que encarna al mismísimo héroe de su pueblo.

La narración comienza con Peko dentro de una cueva, donde estaba en un sueño eterno. Alguien llama por su nombre, invocándolo para que ayude a traer lluvia a las plantaciones, y luego Peko ayuda diciendo que si la gente de Setu siempre recordaba sus consejos y trabajaba duro, siempre les enviaría abundancia en la siembra. Sin embargo, poco a poco se muestra como un verdadero héroe que lucha por liberar a su pueblo del control estonio y ruso, además de cazar osos para ofrecer el pelaje a los Setus; también bendice las bodas, ara los campos y protege a todos de enemigos y espíritus potencialmente malvados.

La epopeya se publicó por primera vez en el periódico *Eesti kirjandus* (Literatura estonia) en 1928, bajo el título *Setu lauluema Vabarna Anne 'Peko (Pekolanõ)'*, es decir, "O Peko, de la cantante Setu Anne Vabarna". Después de la Segunda Guerra Mundial, al caer bajo el control de la Unión Soviética y ser alvo de una política antiminorías étnicas y de propaganda atea, la voz de esta epopeya ha sido silenciada durante mucho tiempo, cayendo en el oscurantismo. Sólo se volvería a publicar en 1995, en Kuopio, Finlandia.

Hasta la fecha, no hay traducciones de *Peko* a idiomas más accesibles como el inglés, el francés o el español, circulando principalmente en traducciones del dialecto setu a otros idiomas fínicos, como el finlandés y el estonio.

(Versión en español por Christina Ramalho)

### 3.

*Peko* est le poème épique de l'ethnie Setu, des gens d'origine finno-ougrienne qui habitent la frontière entre l'Estonie et la Russie. Bien qu'ils soient officiellement considérés comme des Estoniens, ces habitants de la région de Setumaa se considèrent comme une nation et un peuple séparés d'eux – et ont même leur propre dialecte et leurs singularités dans la religion et les traditions. Contrairement aux Estoniens, dont les chansons épiques étaient nettement masculines et principalement des récits héroïques, parmi les Setu, les *runo songs* étaient chantées par des femmes dans un style lyrique. Ainsi, leurs thèmes ont été socialement modulés pour valoriser un contenu beaucoup plus subjectif, émotionnel et esthétique. Les thèmes qui seront utilisés dans l'écriture de l'épopée sont tirés précisément de ce contexte féminin et lyrique.

Les premières avancées à l'origine de l'émergence de *Peko* ont été faites par le passionné de folklore estonien Paulopriit Voolaine, qui a «créé» les personnages et le texte mental qui guideraient le récit. En fait, le nom de l'épopée est celui du héros protagoniste lui-même, tiré de la religion vernaculaire des Setu: Peko était à l'origine un dieu de la fertilité et des plantations (Elias Lönnrot a fait de même dans son *Kalevala* finlandais, dans lequel le héros *Lemminkäinen*, également tiré des traditions vernaculaires, faisait référence aux anciens cultes de fertilité et aux traditions de mariage). Voolaine s'est inspiré de cette divinité, tout en la modelant pour qu'elle s'insère dans les valeurs masculines typiquement épiques, le transformant en une figure héroïque, courageuse et militarisée. Paradoxalement, cette histoire mettant en vedette Peko pour devenir une grande épopée était complètement étrangère à la tradition féminine des *runo songs* de Setu, qui ne montrait pas cette appréciation des valeurs et des récits héroïques; mais, même ainsi, cette épopée se concrétisera grâce à une femme, la chanteuse Anne Vabarna.

Anne était déjà connue par des folkloristes célèbres qui, à l'époque, se rendaient à plusieurs reprises à Setumaa pour recueillir les paroles et les métriques de *runo songs*, comme le célèbre Armas Otto Väisänen. Étant une porteuse si reconnue des traditions et des chants authentiques de son peuple, Anne Vabarna a accepté sans problème majeur de contribuer avec ses textes mentaux et contenus typiques de la tradition féminine du Setu, auxquels Paulopriit Voolaine a ajouté les touches héroïques «intentionnellement épiques». L'épopée est donc vue comme la création d'Anne

Vabarna, porteuse et représentante de cette tradition Setu fortement féminine. Même ainsi, le dieu Peko des plantations et de la fertilité deviendra finalement, dans l'épopée, un protagoniste qui incarne le héros même de son peuple.

Le récit commence avec Peko dans une grotte, où il dormait éternellement. Quelqu'un l'appelle par son nom, l'invoquant pour aider à amener la pluie dans les plantations, puis Peko assiste en disant que si le peuple Setu se souvenait toujours de ses conseils et travaillait dur, il leur enverrait toujours l'abondance sur la plantation. Petit à petit, cependant, il se montre comme un véritable héros qui se bat pour libérer son peuple du contrôle estonien et russe, en plus de chasser les ours pour offrir la fourrure aux Setus; il bénit également les mariages, laboure les champs et protège tout le monde des ennemis et des esprits potentiellement mauvais.

L'épopée a été publiée pour la première fois dans le journal *Eesti kirjandus* (Littérature estonienne) en 1928, sous le titre *Setu lauluema Vabarna Anne «Peko (Pekolanõ)»*, c'est-à-dire «O Peko, du chanteur Setu Anne Vabarna». Après la Seconde Guerre mondiale, tomber sous le contrôle de l'Union soviétique et être la cible à la fois d'un minorités anti-ethniques et propagande athée, la voix de cette épopée a été réduite au silence pendant longtemps, tombant dans l'obscurantisme. Il ne sera de nouveau publié qu'en 1995, à Kuopio, en Finlande.

À ce jour, il n'y a pas de traductions de Peko dans des langues plus accessibles telles que l'anglais, le français ou l'espagnol, circulant principalement dans les traductions du dialecte setu dans d'autres langues finnoises, telles que le finnois et l'estonien.

(Version française par Christina Ramalho)

#### 4.

*Peko* is an epic poem from the Setu, a Finno-Ugric people inhabiting the borders between Estonia and Russia. Despite being considered officially Estonian, they consider themselves as a separated people – and they even possess their own language and peculiarities in religion and traditions. In opposition to the Estonians, whose folksongs were predominantly male and about heroes, the *runosongs* between the Seto were sung by women in lyric style. The themes were socially shaped to talk about emotional,

subjective and aesthetical topics. The themes which would be used to form the epic *Peko* were taken from this feminine and lyric context.

The first moves investing in the appearance of a Seto epic were made by Estonian scholar Paulopriit Voolaine, who “created” the characters and the mental texts that would come to shape the narrative. The name of the epic is actually given by the lead character, who was taken from Setu’s vernacular religion: he was originally a god of fertility and of the field (Elias Lönnrot did the same in his *Kalevala*, in which the hero *Lemminkäinen* was taken from vernacular traditions pointing to ancient cults of fertility and wedding traditions). Voolaine got inspired by this divinity, although he reshaped him in order to fit more masculine traits demanded by an epic, turning *Peko* into a brave and military hero. Paradoxally, this story focused in *Peko* adventures would come to constitute a great epic that was strange to the feminine world of the Setu’s *runosongs*, which did not focus on heroic deeds. The epic would finally take form and be sang thanks to a woman, Anne Vabarna.

Anne was already known among famous folklorists who would travel frequently to Setumaa to collect lyrics from the *runosongs*, like the famous Armas Otto Väisänen. Being a bearer of the authentic songs of her people, Anne Vabarna accepted to contribute with her mental texts, which came from the feminine tradition from the Setu, to which Paulopriit Voolaine add the heroic touches that were intentionally epic. Therefore, this epic holds Anne Vabarna as the author. The epic transformed *Peko* from a fertility and field god into the hero of the Setu people.

The narrative starts with *Peko* inside a cave, where he was in eternal sleep. Someone calls his name, summoning him and asking him to bring rain to the plantations. *Peko* answers this call, telling that if the Setu people worked hard and remembered his advice, he would always bring good fortune with the field. Little by little, *Peko* demonstrates he is a true hero and fights for the independence of the Setu people from Russian and Estonian control; he always hunts bears to give Setu people the skins, besides blessing weddings, taking care of the fields and protecting people from evil spirits.

The epic was first published in the journal *Eesti kirjandus* (Estonian Literature) in the year of 1928, entitled *Setu lauluema Vabarna Anne ‘Peko, or, Peko, from the singer Anne Vabarna*. After World War II this region felt under the control of the Soviet Union

and become target of an atheist and anti-minority politic. This suffocated the voice of the epic until the year of 1995, when it was published again in Kuopio, Finland.

Until today there is no translation of *Peko* to languages such as English, Spanish or French, and it circulates mostly in Suomi and Estonian.

(Author's translation)

### **Referências/Referencias/Références/References**

ARUKASK, Madis. Runo songs, Kalevipoeg and Peko in the question of national identity. In: HONKO, Lauri (eds.). **The Kalevala and the World's Traditional Epics**, 2002, p. 420-432.